

OMISSÕES NA TRADUÇÃO CULTURAL DE *TOCAIA GRANDE* PARA A LÍNGUA INGLESA

Laura de Almeida (UESC)

prismaxe@gmail.com

Luana Santos Melo (UESC)

RESUMO

Neste trabalho abordamos aspectos relacionados à tradução cultural na obra *Tocaia Grande* e *Showdown*. Traçaremos um paralelo entre a versão original em português e sua tradução para a língua inglesa. Visamos retratar mais especificamente as omissões de termos culturalmente marcados, em especial os voltados para o candomblé. Partimos das considerações de Aubert (1995) sobre tradução cultural e das pesquisas de Tooge (2009) relativo às traduções em obras de Jorge Amado, além de outros teóricos da área da tradução. Analisamos os termos coletados com base nos procedimentos da tradução propostos por Vinay e Darbelnet (1960). Temos por objetivo apresentar uma faceta sobre as possíveis justificativas acerca das omissões nas traduções. Desta forma, constatamos que existem casos em que as omissões podem comprometer o entendimento do texto traduzido de forma a omitir dados culturais pertinentes e que não foram passados de uma língua para outra.

Palavras-chaves: Tradução cultural. Omissões. Língua e identidade.

1. Introdução

É mister que muitas das obras de Jorge Amado foram traduzidas para vários idiomas diferentes. Porém, surge a indagação: se tal tradução traduz não apenas a língua como também a cultura específica que ela retrata.

Neste trabalho abordamos aspectos relacionados à tradução cultural na obra *Tocaia Grande* de Jorge Amado e sua tradução para a língua inglesa, *Showdown*. Parte dos dados apresentados é resultado da pesquisa de iniciação científica cujo plano de trabalho intitulava-se "Aspectos da religião traduzidos da língua portuguesa para a língua inglesa na obra *Tocaia Grande* de Jorge Amado".

Visamos retratar mais especificamente as omissões de termos culturalmente marcados, em especial os voltados para o candomblé. Temos por objetivo apresentar uma faceta sobre as possíveis justificativas acerca das omissões nas traduções.

2. *Fundamentação teórica*

Dentre os estudos realizados sobre tradução cultural em obras de Jorge Amado citamos Corrêa (1998) e Tooge (2009). A primeira pesquisadora realizou um estudo contrastivo de termos culturalmente marcados das obras *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tenda dos Milagres* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*, romances de Jorge Amado e suas respectivas traduções para o inglês, *Dona Flor and Her Two Husbands*, *Tent of Miracles* e *Tereza Batista Home from the Wars*. A autora utilizou o modelo proposto por Vinay e Darbelnet (1960) e sua reformulação por Aubert (1996) observando a prevalência das modalidades empréstimo, adaptação e explicitação. Em sua análise apresenta uma breve menção aos empréstimos referentes às entidades afro-brasileiras e as classifica segundo as modalidades da tradução, porém não aprofunda a questão.

Já, Tooge (2009) apresenta em sua dissertação de mestrado intitulada *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado* aspectos relativos a várias obras traduzidas de Jorge Amado para a língua inglesa, mas não aborda a que nos propomos aqui. A autora investigou a relação entre as traduções realizadas por Alfred A. Knopf e Jorge Amado, as redes de influência e a representação cultural do Brasil na literatura traduzida de Jorge Amado nos Estados Unidos. Mais recentemente, Santos e Almeida (2014) estudaram a temática da linguagem do candomblé e sua tradução na obra *Gabriela, cravo e Canela*, no qual abordam alguns aspectos salientam o pouco uso de equivalentes que retratem a cultura baiana e a adoção de generalizações de termos culturalmente marcados comprometendo seu significado.

Partimos das considerações de Aubert (1995) sobre tradução cultural e das pesquisas de Tooge (2009) relativo às traduções em obras de Jorge Amado, além de outros teóricos da área da tradução.

Em relação aos estudos tradutórios, Tooge (2009) conclui que:

Os estudos da tradução podem nos revelar muito mais sobre a sociedade e sua história, sobre as forças e os pensamentos que a movem. O resgate dos contextos históricos que geraram projetos ou ‘embaixadas’ de traduções são de fundamental importância. A partir delas são criadas representações oriundas de diferentes ‘loci’, sempre parciais, nunca correspondendo a uma ‘identidade ou essência única’, mas a um feixe de luz que se dilacera ao adentrar um meio de diferente densidade. (TOOGE, 2009, p. 168)

A fim de conhecermos um pouco sobre o candomblé da Bahia, nos debruçamos sobre as ideias de Bastide. Destacamos abaixo uma cita-

ção em que o autor mostra um pouco da relação com os orixás:

Nos flancos sonoros dos navios negreiros vieram não só os filhos da Noite mas também os seus deuses, os orixás dos bosques, dos rios e do céu africano. [...] Os negros confundiriam suas divindades sombrias com os santos católicos, mas continuariam, por meio dos cantos e das danças tradicionais, a adorar os deuses de além-mar. E assim nasceu o candomblé, perdurando até os nossos dias, apesar das muitas transformações por que passou”. (BASTIDE, 2001, p. 327)

É também notável o fato de o tradutor Gregory Rabassa ter omitido palavras, trechos, parágrafos e até capítulos da obra original em *Showdown*. Conjectura-se que o tradutor tenha julgado algumas partes como desnecessárias à compreensão do enredo da história, no âmbito geral. Entretanto, em muitas omissões verificou-se a existência de termos na obra original que porventura o tradutor, por razões desconhecidas, preferiu não traduzir. Temos como exemplo os termos “paxorô” e “eirus”.

3. Metodologia

Analisamos os termos coletados com base nos procedimentos da tradução propostos por Vinay e Darbelnet (1960) a fim de apresentarmos uma tipologia sobre os mesmos que classificam como empréstimos, adaptações, omissões dentre outras formas.

4. Análise dos dados

Por meio de um levantamento da ocorrência dos dados constatamos que existem termos que foram omitidos em *Showdown*, como pode ser observado no gráfico abaixo:

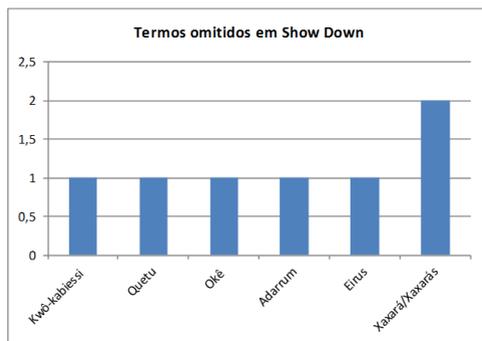


Gráfico 1. Frequência dos termos omitidos em *Show Down*

Constatamos que todos os termos omitidos correspondem a termos específicos do candomblé, peculiares a uma cultura.

A seguir, selecionamos exemplos de trechos retirados do original e em inglês, com o termo “ebó” omitido na tradução para a língua inglesa em alguns casos, pois em outros foram classificadas como outras modalidades da tradução.

PORTUGUÊS	INGLÊS	MODALIDADE
Cap. 3, p.74, 1º§: “Fundiram-se o santo da Europa e o orixá da África numa divindade única a comandar o sol e a chuva, a receber as preces e as cantigas, as missas e os ebós [...]”	Cap. 3, p. 60, 3º§: “The saint from Europe and the <i>orixá</i> from Africa blended into a single divinity, ruling sun and rain, receiving offerings and chants, masses and <i>ebós</i> [...]”	EMPRÉSTIMO
Cap. 5, p.201, 2º§: “Que outra coisa além do ebó poderia justificar o desatino de Zé Luiz?”	Cap. 5, p. 160, 2º§: What else could have explained Zé Luiz’s madness?”	OMISSÃO
Cap. 5, p.202, 5º§: “Quando a enfezada Cotinha dispensou novo ebó — não aguento homem que apanha de mulher!”	Cap. 5, p. 162, 2º§: “When dwarfish Cotinha refused a new spell – ‘I can’t stand a man who is beaten by a woman!’.”	ADAPTAÇÃO
Cap. 19, p.307, 13º§: “Tição [...] saudou e ofereceu o sacrifício, o ebó de sangue, suplicando a Obaluaiê forças para vencer o quebranto e o mau-olhado [...]”	Cap. 16, p. 249, 12º§: “Tição [...] made his greeting and offered the sacrifice, the offering of blood, begging for the strength to conquer the shock and the spell [...]”	ADAPTAÇÃO

Quadro 1 – Relação de procedimentos de tradução para “ebó”

No quadro 1 acima, o termo “ebó” foi traduzido para a língua inglesa de três formas diferentes. Foram utilizadas modalidades da tradução específicas, a saber, o empréstimo, omissão e adaptação. No caso do empréstimo foi mantida a forma “ebó” na tradução para a língua inglesa. No caso da omissão, o termo “ebó” não aparece na tradução para a língua inglesa comprometendo seu significado. O fato de não se remeter ao termo pode levar o leitor a uma série de interpretações enquanto que o sentido já havia sido estabelecido segundo o original.

Assim, observamos que não existe uma padronização quanto à tradução de termos específicos do candomblé pois são traduzidos como “spell” (adaptação) ou “offering”, além de serem mantidos em sua forma original “ebó” (empréstimo).

De todos os dados coletados, constatamos que temos 14% de termos classificados como *Omissão* em relação a:

- *Empréstimo* 69% (77 ocorrências em itálico e 94 sem grifo);
- *Transposição* 6%;
- *Adaptação* 4%;
- *Tradução literal* 2%;
- *Empréstimo + explicitação* 1,61%;
- *Empréstimo + acréscimo* 0,80%;
- *Erro* 0,40%.

Com base no exposto consideramos que o grau de proximidade prova que o tradutor cumpriu com a árdua tarefa de traduzir termos de culturas regionais com satisfação.

5. *Considerações finais*

Constatamos que existem casos em que as omissões podem comprometer o entendimento do texto traduzido de forma a omitir dados culturais pertinentes e que não foram passados de uma língua para outra.

Ao trabalhar com a tradução de textos que originalmente aparecem com fortes marcas culturais específicas de uma determinada cultura, o tradutor se encontra obrigado a assumir um posicionamento que inevitavelmente terá influências nos seus leitores. Suas estratégias podem ser variadas, mas de modo algum são neutras. O tradutor pode ainda tomar suas decisões consciente ou inconscientemente, a partir de suas crenças pessoais, de experiências prévias, de estudos teóricos, de leituras paralelas, mas suas decisões sempre terão consequências futuras quando seu texto for lido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Tocaia grande: a face obscura*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- AMADO, Jorge. *Showdown*. Trad.: Gregory Rabassa. New York: Bantam Books, 1988.
- AMIM, Valéria; PÓVOAS, Ruy do Carmo. Iemanjá: imagens arquetípicas da grande mãe na diáspora. In: *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus de Ondina, Salvador, 2011, p. 1-12.
- AUBERT, Francis Henrik. Desafios da tradução cultural: as aventuras tradutórias do Askeladden. *TradTerm*, n. 2. São Paulo: CITRAT/FFLCH/USP, 1995, p. 31-44.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. Trad.: Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. Dissertação (de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. [Humanitas/FAPESP, 2011].
- VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Traduzido e editado por Juan C. Sager e M. J. Hamel. Benjamin Translation Library, 1995.